



AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO COMO ALIADAS NO RESGATE DA UNIDADE HOMEM/NATUREZA

Aline Dutra Centurião Gabriela Santos Rodrigues; Ana Maria Gonçalves dos Santos Feijó

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Laboratório de Bioética e Ética Aplicada a Animais.

INTRODUÇÃO

A Natureza sempre foi foco de investigação científica e da curiosidade humana. Desde o período Pre-Socrático (séc. VII a.C), o homem procurava explicar o mundo exterior de maneira racional, o que repercute com o surgimento da filosofia grega. Esse período também pode ser denominado de período naturalista, pois o interesse filosófico estava voltado para o estudo do mundo exterior nos elementos naturais que o constituíam, na sua origem, tentando compreendê-lo e explicá-lo mas assumindo uma atitude passiva frente a esse entorno (Legrand, 1991)

O ambiente continua sendo foco de pesquisa e reflexão também nos dias atuais, onde é discutida agora a questão ambiental em função da intervenção ativa do ser humano no ambiente. Por inúmeras razões, o homem contemporâneo passou a utilizar, muitas vezes de forma indiscriminada, os recursos naturais provocando assim uma série de problemas ambientais o que acarretou a crise ambiental que vivenciamos atualmente (Cavalcanti, 2002). O notável avanço da tecnologia, agropecuária, e superpopulação humana aliados à intensa exploração de ecossistemas está trazendo conseqüências irreversíveis para o ambiente, animais e para a própria espécie humana (Dorts, 1971). A Amazônia bem como os demais biomas está sofrendo com a forte pressão antrópica. Diversos fatores, tais como as freqüentes queimadas e desmatamentos que acarretam o empobrecimento do solo facilitando assim os processos erosivos e intensificação da liberação de gases provocadores do conhecido efeito estufa são exemplos dessa pressão. Espécies estão sendo extintas de maneira avassaladora, de tal forma que muitas até desconhecidas pela ciência estão extintas ou em processo de extinção (Richard, 2001). Na maioria das vezes essa situação é conseqüência da destruição, fragmentação e alteração do ambiente (Cavalcanti, 2002), onde os animais que perderam seus habitats estão invadindo regiões que

muitas vezes se sobrepõem a regiões em que está presente a espécie humana causando sérios problemas antes não verificados.

A postura Antropocêntrica Forte levou o ser humano a intervir na natureza a fim de moldá-la as suas necessidades não levando em consideração que esses recursos não eram inesgotáveis e estavam organizados em ecossistemas que garantiam a qualidade produtiva do ambiente (Naconecy, 2003). Muitos destes problemas ambientais, hoje verificados, poderiam ser evitados ou minimizados se a postura do homem fosse baseada em princípios eticamente adequados.

Nesse contexto as unidades de conservação (UCs) podem ser citadas como atitudes eticamente adequadas em relação a proteção ou refúgio da fauna silvestre, pois esse seria um dos vários objetivos propostos para a existência dessas áreas físicas delimitadas e oficializadas por lei. As UCs apresentam outros fins como, por exemplo, métodos que priorizam a conservação, locais em que podem ser realizadas ações como manejo, banco de gametas ou qualquer outra ação em que existe interferência humana, assim como métodos que priorizam a preservação ambiental sem interferência do homem. (Richard, 2001).

OBJETIVO

Esse trabalho de cunho teórico objetiva refletir, a partir de pressupostos éticos advindos da ética ambiental, sobre a responsabilidade que o ser humano deve ter com a natureza a fim de nortear ações eticamente adequadas para a conservação de ecossistemas defendendo as UCs como soluções práticas para proteção da vida silvestre em geral.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada foi à análise crítica de livros que tratavam da temática ética ambiental assim como a análise de livros relacionados à conservação de ecossistemas e Unidades de Conservação.

DISCUSSÃO

A relação homem/ambiente vem sendo amplamente discutida por pesquisadores e também por diversos filósofos da ética ambiental, área da ética entendida como uma aplicação normativa às relações entre a humanidade e o ambiente que pretende orientar ações, valores e atitudes humanas, propondo distintas posições filosóficas relacionadas a essa temática.

Tais posições estão relacionadas à postura em que o ser humano se coloca frente aos animais, demais seres vivos (plantas) e ecossistemas. A posição Antropocêntrica Forte assume que o ser humano por ser racional e possuidor de consciência se considera no direito de usar a natureza a seu critério, pois, de acordo com essa postura, o ambiente foi criado para servir ao homem e só o ser humano apresenta valor moral. A posição Antropocêntrica Branda entende que o ser humano continua sendo o ser mais evoluído, mas outorga ao homem, por essa razão, a responsabilidade por seus atos tanto os relacionados ao ambiente como também os relacionados aos animais. Já a posição Biocêntrica atribui valor moral a todos os seres vivos incluindo as plantas e animais na esfera moral. A posição Ecocêntrica, a menos viável por ser extremamente radical, atribui valor moral aos ecossistemas onde a extinção de uma determinada espécie não é considerado problema se esse fato não vier a danificar o bom andamento do ecossistema como um todo. Corroborando com Naconecy (2003) aceitamos que, com exceção da posição Antropocêntrica Forte, todas as outras posições assumem que o ser humano possui, em maior ou menor grau, uma determinada responsabilidade para com o entorno.

Diante desse quadro de exploração excessiva dos recursos naturais, em que o ser humano se coloca como sendo o centro do universo, usando a Natureza de uma forma irresponsável, o que caracteriza uma postura Antropocêntrica Forte, existe a necessidade de uma mudança de postura humana frente ao ambiente. De acordo com as posições acima citadas, seria mais viável defender a postura Atropocêntrica Branda, onde o homem não precisaria destruir o ambiente para atingir seu bem-estar, e sim, utilizar esses recursos de maneira sustentável (Naconecy, 2003). Atuaria dessa maneira como tutor do ambiente, consciente da sua responsabilidade de preservar os animais não humanos e conservar os ecossistemas, garantindo um mundo habitável para as gerações futuras (Jonas,1995).

Nessa concepção da relação ser humano/ambiente, as UCs, que certamente já exercem um grande papel na perpetuação da fauna e flora silvestre e que devem ser mantidas, criadas e/ou ampliadas segundo Richard(2001) seriam vistas como aliadas no resgate da unidade homem/natureza, que foi quebrada a partir do momento em que o ser humano passou a intervir de forma desorientada nos ecossistemas, acreditando não fazer parte do entorno.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cavalcanti. C.(org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez. 2002.
- Dorts. J. **Antes que a natureza morra**. São Paulo: Edgard Blüsher. 1971.
- Jonas. H. **El Principio de responsabilidade. Ensaio de uma ética para la civilización tecnológica**. Barcelona: Herder. 1995.
- Naconecy. C. **Um panorama crítico da ética ambiental contemporânea**. 2003. Dissertação de mestrado.
- Pelizzoli. M L. **Correntes da ética ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes. 2002.
- Legrand. G. **Os pré-socráticos**.Rio de Janeiro:Zahar.1991.
- Coelho.P & Motta R. **Fundamentos em ecologia**.Porto Alegre:Artmed.2002.
- Richard B.P. **Biologia da conservação**. Londrina: Midiograf. 2001.